



GATTACA

Stella Jimenez¹



Gattaca, filme dirigido e escrito por Andrew Niccol, estrelado por Ethan Hawke, Jude Law e Uma Thurman, funciona como um tapa na cara das ambições científicas de nosso século. Num futuro não muito distante, os seres humanos nasciam de fecundação *in vitro*, a partir de uma rigorosa combinação dos melhores genes dos pais. Ocasionalmente, uma criança nascia de uma noite de amor. Eram chamadas de “filhos da fé” ou “filhos de Deus”.

Eram considerados “inválidos” para a sociedade.

Assim, a sociedade se dividia entre os “válidos” e os “inválidos”. Por sua vez, os válidos se repartiam em diferentes hierarquias, de acordo com uma escala da qualidade de seus DNAs. Os mais perfeitos, que possuíam os melhores códigos, podiam exercer a mais valorizada das profissões que, nessa época, era a de astronauta.

Vincent é um “filho da fé”. Foi gerado numa noite de amor dentro de um carro, e sua mãe comete a loucura de querer tê-lo. O arrependimento aparece quando ele nasce e se analisa a sequência cromossômica: inválido. Vincent, além disso, é uma criança doente; seu DNA anuncia alta probabilidade de doença cardíaca e morte antes dos 30 anos. Para maior desespero dos pais, não parece entender bem as coisas e sonha ser astronauta, o que exigiria de sua saúde a mais alta perfeição.

Vincent vai embora de casa e começa a trabalhar como faxineiro marginal, único trabalho compatível com seu mapa cromossômico. Trabalha como faxineiro no centro de pesquisas e viagens interplanetárias: *Gattaca*. Entretanto, jamais se sentiu tão distante de seus sonhos como agora, quando parece estar mais perto.

Nesse momento, ele contata um contrabandista de identidades genéticas que intermedeia a venda do código de um válido de primeira linha, Jerome, em troca de

¹ Psicanalista, AME da EBP/AMP. Coordenadora do Núcleo de Topologia do ICP-RJ.



uma parte do salário que Vincent viria a ganhar como astronauta. Jerome vende seu código porque, em função de um acidente, não podia mais usá-lo.

O filme faz, então, uma alegoria de duas posições subjetivas.

Vincent Freeman não teme perder a vida porque já estava morto, em função do anúncio de sua morte precoce. Seu único bem, seu único “ser” é seu sonho, o de ser astronauta, e por ele luta de todas as maneiras possíveis.

Jerome Eugene Morrow é dono de um código superior. O roteirista o descreve como alguém que tem que lidar com o ônus da perfeição. Jerome aparece bebendo demais, mas conta que não foi por causa da bebida que jogara seu carro contra outro. “Nunca estive tão sóbrio como nesse momento”, diz. Ele quer morrer, porque só no instante da morte poderá se sentir vivo.

Trata-se de um filme de suspense. Até o final, não é possível saber se Vincent conseguirá enganar a todos e viajar pelo espaço. A situação se complica com um crime que, investigado pela polícia, é atribuído ao inválido que deixou cair um pelo dentro do local de trabalho dos astronautas. A partir desse momento, sabe-se que um inválido está infiltrado...

O filme mostra que as ciências pretendem organizar o Real, o que significa foracluí-lo, fazer de conta que não há um além, que tudo é formalizável, quantificável. Mas como o Real é o impossível, como ele sempre ex-siste, ele sempre retorna. Vemos, assim, como, no filme, o Real retorna como o desejo de Vincent, que fura a biologia, como a pulsão de Jerome, que fura a perfeição eugênica, como as paixões, que levam ao crime pessoas completamente pacíficas, geneticamente falando.

Porque não é a ciência o que leva o homem à Lua: são seus sonhos.